

**UMA ANÁLISE DO CONTO “A QUINTA HISTÓRIA”,
DE CLARICE LISPECTOR**

Elisnêsa Luiz (ESERC/FAJ/FIMI)

elisnelsaluiz@hotmail.com

Giovanni Augusto Vitorino de Oliveira (FIMI)

giovannivitorino@gmail.com

Maria Suzett Biembengut Santade (FIMI/FMPFM)

suzett.santade@gmail.com

RESUMO

O trabalho objetiva-se analisar a característica do conto “A Quinta História”, de Clarice Lispector, qual seu objetivo, a mensagem que o texto traz ao leitor, a linguagem e mecanismos utilizados pela autora. Além disso, desenvolvem-se índices simbólicos neste conto como as baratas, a morte das baratas, a receita, a senhora. Busca-se para ancorar este trabalho, a autora Clarice Lispector e demais estudiosos que auxiliam nos quesitos símbolos, escuta e subjetivação. Acredita-se que a análise destes quesitos e comparações ajudará na compreensão deste conto.

Palavras-chave: Análise literária. Conto. A Quinta História. Clarice Lispector

1. As entrelinhas de “A Quinta História”

Quando nos deparamos com as obras de Clarice Lispector, temos a sensação de que estamos em processo de análise. Essa sensação é de que Clarice ora está desabafando, ora pedindo a opinião do leitor, ora delegando ao leitor a função de dar continuidade às suas histórias, a autora expõe os comportamentos sociais em diversas situações, ela apenas aponta, não trás uma solução, ela instiga o leitor a tirar sua própria conclusão sobre o que acabou de ler. Lispector passa meio que entrelinhas uma receita, uma receita de como resolver os problemas, de modo subjetivo, como no conto A quinta história, em que a personagem protagonista apresenta uma queixa e a senhora (personagem coadjuvante) apresenta-lhe com simplicidade uma receita para exterminar as baratas, ou seja, os problemas.

A linguagem clariciana possui múltiplas interpretações, aliás, Clarice Lispector não é um tema novo na literatura, desde o momento em que a escritora surgiu tem sido estudada por diversas ciências, tudo pelo fato de abranger temas que fazem parte da sociedade, do cotidiano das pessoas. Muitos dos que leem Clarice Lispector têm a sensação de que conhece alguém que está passando pelo mesmo processo da personagem

ou remetem essa sensação a um determinado momento de sua vida. Embora as obras claricianas sejam fictícias, a autora retrata com uma beleza enigmática a situação humana. Temas como feminismo, o não pertencer, o deslocamento, a insensibilidade, os vícios e a decadência humana, entre outros, fazem parte dos assuntos tratados por esta autora.

O conto a quinta história apresenta uma discussão interior da personagem consigo mesma, a personagem narra um mesmo conto de várias maneiras diferentes, porém, o núcleo da história, que é a morte das baratas é o mesmo. Neste conto a autora recorre a outras histórias que o leitor já está familiarizado para fazer comparações, utiliza também, figuras de linguagem com as metáforas, de modo a seduzir o leitor para entretê-lo na leitura. Por exemplo, no primeiro parágrafo, Clarice, propositadamente, faz menção ao conto mil e uma noites, como se já avisasse ao leitor do que viria a seguir, uma sedução ao leitor por meio da curiosidade.

2. *O abstrato pertencimento das baratas*

A verdade é que só em abstrato me havia queixado de baratas, que nem minhas eram: pertenciam ao andar térreo e escalavam os canos do edifício até o nosso lar. Só na hora de preparar a mistura é que elas se tornaram minhas também.

Neste terceiro parágrafo, temos a sensação de que a protagonista estava em seu limite, seu semblante já demonstrava o grau de sua preocupação, e o fato de a senhora saber o que se passava com ela mesmo que o pensamento fosse abstrato demonstra também que as reclamações anteriores eram frequentes. Podemos perceber, também, neste parágrafo certa excitação, um instinto assassino, um desejo de matar baratas desabrochar, a personagem utiliza o pronome possessivo nosso para dividir a culpa do extermínio das baratas com o leitor. “Em nosso nome, então, comecei e pesar ingredientes numa concentração um pouco mais intensa”. Após narrar e apontar o problema e trazer o leitor para dentro da situação, Clarice Lispector faz com que o leitor passe a ser cúmplice da personagem na eliminação das baratas.

3. *Baratas e sua simbologia*

“De dia as baratas eram invisíveis e ninguém acreditaria no mal secreto que roia casa tão tranquila” [...] “Durante a noite eu matara”. “Em

nosso nome, amanhecia”.

Este trecho do conto nos dá a sensação de que Clarice Lispector fala dos problemas que enfrentamos no dia a dia e das situações e métodos que enfrentamos para resolver, tolerar ou enfrentar as situações, as baratas neste caso seriam os problemas, problemas que nos incomodariam à noite quando tentamos colocar nossa cabeça no travesseiro para dormir sem sucesso. De dia precisamos vestir uma máscara e dizermos que está tudo bem, tudo legal, o perigo mesmo é à noite quando os problemas insistem em aparecer implorando por uma solução. Isso tende a piorar quando além de não darmos conta dos nossos problemas, nos encarregamos de tentar resolver o problema dos outros.

O terceiro parágrafo, que inicia a terceira história, trás a protagonista queixando-se de baratas e a senhora ouvindo a queixa, mas a narradora pula todo o processo anterior da descrição da receita, ou seja, a narradora entende que o leitor já está fazendo parte do processo e que não houve mudanças e nem necessidade de lembrar o leitor o passo a passo do elixir.

“Sou a primeira testemunha do Alvorecer em Pompeia. Sei como foi esta última noite, sei da orgia no escuro”.

A personagem sabia que era vã a tentativa de matar as baratas, uma vez que elas se reproduziam rapidamente. Clarice Lispector, também, transporta o leitor para o fato ocorrido em Pompéia comparando as baratas, enquanto estátuas mortas, às pessoas carbonizadas e petrificadas devido ao vulcão que atingiu a cidade de Pompéia. Na terceira história observamos a protagonista narrar a morte das baratas com certo prazer.

No início do conto, Clarice expõe ao leitor que faria pelo menos três histórias, no quarto parágrafo a autora muda o termo história para narrativa. A partir deste instante o olhar do leitor passa para o causador do problema, o cano onde vivem e reproduzem as baratas e não no problema em si que são as baratas. A história começa com a queixa e já pula para o momento que em que a protagonista vê as baratas mortas chamando a atenção também para o vício que mantinha em matar baratas.

Como quem não dorme sem a avidez de um rito. E todas as madrugadas me conduziria sonâmbula até o pavilhão? No vício de ir ao encontro das estátuas que minha noite suada erguia. Estremeci de mau prazer à visão daquela vida dupla de feiticeira. E estremeci também ao aviso do gesso que seca: o vício de viver que arrebataria meu molde interno. Áspero instante de escolha entre dois caminhos que, pensava eu, se diziam adeus e certa de que qualquer escolha seria a do sacrifício: eu ou minha alma. Escolhi.

Ao analisarmos os momentos em que o conto se divide percebemos por meio da descrição das tabelas abaixo a aceleração da narradora em contar-nos os fatos à medida que vão ocorrendo, assim como a eliminação de alguns episódios, à medida que há familiarização do leitor com o texto.

1º momento	2º momento	3º momento
Queixa da personagem;	Queixa da personagem;	O narrador passa rapidamente pelas histórias;
Escuta da senhora;	Escuta da senhora;	Descrição da morte das baratas;
Escuta da personagem;	Preparo e execução do processo;	Estado psicológico da personagem.
Cantata da receita;	Excitação, instinto assassino.	
Ingredientes;		
Modo de preparo;		
Resultados		

Quarta narrativa
Queixa;
Visão da morte das baratas;
Reconhecimento de que sempre haverá baratas;
Escolher entre viver ou matar baratas;
Escolha, decisão.

Clarice Lispector deixa a quinta história por conta do leitor. A autora se coloca na posição de ouvinte: “Você que me lê que me ajude a nascer” (LISPECTOR, 1973; p. 88). O leitor de Clarice Lispector não pode esperar um final feliz das obras, mas, pode esperar um final inacabado em que pode tirar suas próprias conclusões, de acordo com sua percepção de mundo.

4. Conclusão

Percebemos ao longo da análise deste conto que a personagem passou por vários momentos, sensações, sentimentos, e chegou um ponto em que teve que escolher em viver sua vida de fato ou continuar matando as baratas, a escolha era óbvia uma vez que a própria personagem se deu conta de que por mais que matasse as baratas surgiriam novas baratas. Clarice Lispector deixou em aberto este conto ao iniciar a quinta história com a mesma frase que inicia as histórias anteriores. Queixei-me de baratas. Este foi o motivo de optarmos pelo viés psicológico da personagem, e concluímos que as baratas são os problemas que surgem em nosso dia

a dia. Por mais que encontramos uma solução para nossos problemas hoje, surgirão outros novos problemas que nós teremos de enfrentar e encontrarmos uma nova solução. A vida continua, e virão outros dias, outras histórias, novas experiências, afinal isso faz parte, significa que ainda não acabou, podemos escrever um final feliz ou continuarmos com nossas vidas reais, vestindo as máscaras de dia e nos correndo com os problemas à noite.

A quarta história mostra que a personagem apegou-se ao problema, acostumou-se com ele a ponto de achar que a escolha entre “eu ou minha alma”, qualquer escolha seria a do sacrifício. E diz ainda que ostentava secretamente uma placa de virtude. “Esta casa foi dedetizada.” Por que ostentava secretamente? De si mesma ou de sua alma?

Este trabalho não tem como objetivo responder estas perguntas, mas questionar qual de fato foi a escolha da personagem. O que era mais importante? Sua vida ou sua alma?

Clarice Lispector, entrelinhas, nos faz refletir sobre o comportamento social, quando lemos suas obras pela primeira vez temos a sensação de que é apenas mais um texto, mas não, Lispector nos convida a viajar dentro de nós mesmos dos nossos sentimentos, comportamentos, obsessões. O que é mais importante para nós, continuarmos com nossas máscaras ou resolvermos de vez nossos problemas, o que é mais importante, cultivar nosso ego ou nossa Alma? Viver de aparências ou ser feliz?

Ainda que suas obras sejam fictícias ela fala conosco, de algum modo nos dá uma receita do que fazer, é simples, basta fazer, não é a solução, mas se prestarmos atenção poderemos chegar lá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KANAAN, Dany Al-Behy. *Escuta e subjetivação*: a escrita de pertencimento de Clarice Lispector. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector jornalista*: páginas femininas e outras páginas. São Paulo: SENAC, 2006.